

Collor evita debates, temendo o desgaste.

Enquanto se mantiver na liderança das pesquisas, Collor de Mello, do PRN, não pretende participar de debates com nenhum de seus adversários. "Debate só interessa a quem está em desvantagem", justifica sua assessoria, lançando mão do mesmo argumento utilizado pelo então candidato a presidente Tancredo Neves, quando já estava claro que venceria Paulo Maluf no Colégio Eleitoral. "Por que Collor iria se bater com candidatos que estão com menos de um terço de seus índices?", pondera seu assessor de imprensa, Claudio Humberto. "Discussões como essas só serviriam para desgastá-lo."

De fato, com 43% das intenções de voto, segundo a última pesquisa do Ibope, enquanto seu adversário mais próximo, Leonel Brizola, do PDT, desceu de 15% para 11%, Collor está numa posição confortável. "Ele só vai participar do que for julgado bom para sua campanha", avisa Claudio Humberto. Ou seja, antes de qualquer confronto público com seus concorrentes, Collor pretende analisar tudo com muita cautela — mesmo porque, "nunca foi convidado para um debate", diz seu assessor.

Além de cautela, Collor pretende inovar em sua campanha. E já tomou providências. Quem estiver interessado em participar é só comunicar à sua assessoria, que receberá prontamente pelo correio um manual completo com instruções para formação de comitês, organização de eventos e panfletagem, além de orientações sobre o trabalho de boca de urna e fiscalização das apurações. "Vamos funcionar como um sistema de franquia", explica Juca Colagrossi, coordenador do Movimento Popular da Reconstrução Nacional, a ser lançado amanhã, oficialmente, em Brasília. "Vamos fornecer o padrão do material de campanha e as pessoas desenvolvem o trabalho de acordo com as suas possibilidades."

"Avalanche política"

O desempenho de Collor é uma surpresa inclusive para cientistas políticos como Bolívar Lamounier e Valeriano Mendes Costa, que ainda se assustam com os altos índices de popularidade alcançados pelo candidato. "Faz parte do atual processo político que estamos vivendo", tenta explicar Lamounier. "Collor é uma espécie de avalanche política e seu crescimento deve-se, sem dúvida, ao descalabro total que estamos vivendo."

Tanto Lamounier como Valeriano concordam que Collor conseguiu capitalizar atenção e simpatia através de sua anunciada redução do salário dos marajás e do freio à roubalheira que diz ter conseguido quando era governador de Alagoas. Mas nenhum dos dois acredita que Collor manterá até novembro tanta vantagem sobre os outros candidatos. "É até possível que volte a acontecer o que houve com Maluf nas últimas eleições, quando ele mantinha a liderança e já se proclamava como novo prefeito. E acabou como todos nós sabemos", prevê Valeriano.

A estabilidade de Collor, segundo Lamounier, poderá começar a ser bombardeada a qualquer momento: "Sei de candidatos que já encomendaram uma minuciosa pesquisa sobre sua vida pessoal". Se mesmo assim for eleito, Collor pode não ter infra-estrutura suficiente para se resguardar: "Ele sabe que não tem partido para isso, e terá que buscar apoio de partidos de peso".